

mencionados aqui: Jefferson, Goethe e Shelley. Todos três, cada qual de um modo diverso, enfrentaram a opção entre a idéia napoleônica e a Sagrada Aliança. Todos três, cada qual de modo diverso, recusaram-se a escolher.

Jefferson foi o mais destacado amigo da Revolução Francesa no seu período heróico inicial. Estava disposto a perdoar até o Terror, mas afastou-se com nojo do "despotismo militar" de Napoleão. Mas não tinha afinidades com os inimigos de Bonaparte, os "libertadores hipócritas" da Europa como os chamava. Sua isenção não era adequada apenas ao interesse diplomático de uma república jovem e neutra — resultava naturalmente de sua convicção republicana e sua paixão democrática.

Ao contrário de Jefferson, Goethe viveu em meio à tempestade. Os soldados de Napoleão e Alexandre se instalaram, sucessivamente, em sua República de Weimar. Como Ministro do Príncipe, Goethe curvou-se, oportunisticamente, a cada um dos invasores. Mas, como pensador e homem, permaneceu imparcial e distante. Tinha consciência da grandeza da Revolução Francesa e espantou-se com os seus horrores. Saudou o troar dos canhões franceses em Valmy como o início de uma nova e melhor época, e compreendeu as loucuras de Napoleão. Aclamou a libertação da Alemanha, que estava em mãos de Napoleão, e teve aguda consciência da miséria dessa "libertação". Seu alheamento, nessa questão e em outras, granjeou-lhe a reputação de "olímpico", e o rótulo nem sempre pretendia ser lisonjeiro. Mas sua aparência olímpica não se devia a uma indiferença íntima pela sorte de seus contemporâneos. Era um véu sobre seu drama: a incapacidade e relutância de identificar-se com causas, tôdas elas uma mistura inextricável do bem e do mal.

Finalmente, Shelley observou o choque de dois mundos com tôda a paixão candente, ira e esperança de que sua grande alma jovem era capaz: sem dúvida, não se tratava de um olímpico. Ainda assim, nem por um único momento aceitou a pretensão e as alegações hipócritas de qualquer dos beligerantes. Ao contrário dos ex-jacobinos, mais velhos do que êle, foi fiel à idéia republicana jacobina. Foi como republicano, e não como patriota da Inglaterra de Jorge III, que celebrou a queda de Napoleão, aquêle "escravo muito ambicioso" que "dançou e festejou sobre a tumba da Liberdade". Mas como republicano sabia também que "a virtude tem um inimigo mais eterno" do

que a força e a fraude bonapartistas — "os Velhos Costumes, o crime legal e a fé sangrenta" encerrados na Sagrada Aliança.

Todos três — Jefferson, Goethe e Shelley — foram, de uma certa forma, observadores distantes do grande conflito de sua época e por isso interpretaram tal época com mais fidelidade e penetração do que os amedrontados — os combatentes de cada um dos lados, cheios de ódio.

Que pena e que vergonha que a maior parte dos intelectuais que deixaram de ser comunistas se incline a seguir à tradição de Wordsworth e Coleridge, e não à tradição de Goethe e Shelley.